

O trabalho do arquitecto no projecto da casa para uma família burguesa.

Comunicação com o cliente e sua participação no desenvolvimento do projecto.

Observações e comentários na correspondência ficcionada entre dois universitários.

Fernando Bagulho^a

E-mail de 01 de Novembro

Entra um arquitecto por uma família a dentro

Querido primo Marco,

Estou desejava de que terminem as aulas e venha o Natal em casa dos avós, para meter as mãos no alguidar dos paios, enfiar as febras em paus de louro e assá-las no fumeiro carregado com varas de matança e odor intenso. O intangível e a busca do cristal perfeito pelo teu lado e um entendimento mais visceral das coisas pelo meu, leva-nos a partilhar as raízes naquele glorioso alguidar de matança da Avó.

Aqui por casa cumprem-se as rotinas diárias de casa/faculdade/casa, com tudo na mesma e o tempo parado, não fora a chegada de um arquitecto amigo do meu pai que vai fazer o projecto da nossa casa na Ericeira, junto aos moinhos de vento e casa da vela onde íamos apanhar caracóis e me punhas areia pelas costas abaixo.

Se a arquitectura for, como se ouve dizer, coisa ligada às emoções que serve para emocionar, então estarei a jogar em casa com o meu modo visceral de entender. Estando muito à vontade com o meu pai o arquitecto investiu na relação com a minha mãe e comigo, tentando prevenir a desconfiança ou até mesmo a rejeição, que por vezes ocorre na relação arquitecto/cliente. Da etimologia do meu nome Luzia (da Luz), veio a luz como base de toda a arquitectura. À minha mãe referiu a arquitectura e a música como únicas artes abstractas (não representativas) e recordou a frase de Goethe, que designa a arquitectura como “música congelada”.

Quanto à logística do acompanhamento do projecto impôs restrições às “conversas em biombo” exigindo diálogo aberto com toda a família, assim numa espécie de psicoterapia de grupo, pensei eu. O meu pai sai tarde do consultório e a minha mãe volta cedo dos ensaios, ficando então acordado o jantar semanal à terça-feira. Pensar uma casa entremeada com borrego assado não é lá muito curial mas a ideia foi da minha mãe que terá companhia no atraso do meu pai pelo

consultório. O meu pai fica desculpabilizado e dono do seu tempo e a contrapartida, benéfica para todos, é que assim trará para o jantar prendas do mundo rural, que lhe levam os doentes agradecidos por não serem abandonados à sua triste sorte, enquanto ele mantiver o consultório na Azóia, que já vem do tempo do meu avô e pai dele.

Quando leres as novidades, vais classificar-nos de pinocas novos-ricos a fazer uma casa na praia com arquitecto e tudo. Por estas bandas da família, arquitecto é ave que nunca se viu, não sei como iremos reagir mas estou curiosa sobre o que será o trabalho de projectar a casa para uma família (burguesa como dirás) e muito vamos ter que puxar pela cabeça e pelas emoções, se o resultado do que vamos tratar sempre for para emocionar quem lá viver e quem lá entrar (ou até passar de roda).

O meu outro e nosso avô, guarda-livros na morgue de Lisboa, desenhava e pintava paisagens, levava-nos a dar grandes passeios no campo e ensinava-nos a apreciar o “ruído” intenso das manifestações da natureza e a musicalidade do “silêncio” imposto durante a caminhada. Assim me encontro eu agora dividida entre a força e exuberância de uma paisagem que me é muito querida e familiar, onde vai ser construída uma casa e o silêncio da intimidade de uma família que à procura de um abrigo, um espaço feito por medida, chama um arquitecto para a ajudar a pensar (será a arquitectura uma forma de pensamento ou método de pensar? Haverá alguma razão para se dizer “construir uma frase” e não “frasear uma construção”?).

E-mail de 29 de Novembro

Quais são os seus instrumentos de trabalho?

Querido primo Marco,

Gostei de te ver no fim-de-semana passado mas, com a confusão de tanta gente à mistura não deu

^a Arquitecto, Diplomado pela ESBAL. Foi Professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa de entre 1995-2011. Investigador do CIAUD.

para falar do tema, a que regresso agora no sossego da escrita.

Terça-feira o meu pai veio carregado de pequisos e o principal era bucho de Braga. O arquitecto referiu-se ao repasto como sendo uma verdadeira ode ao palato e lançou a dúvida se seria capaz de compor uma arquitectura com a mesma sabedoria do cozinheiro do bucho, que mais não fez do que uma casa com casco em tripa do boi, porta fechada a cordel e componentes interiores mais espaciais (o arroz) ou mais substanciais (a carne). Claro está que o meu modo visceral de entender a vida e o mundo veio logo à flor da pele e deu para ficar a saber que o pensamento metafórico podia ser um ponto de apoio na comunicação entre nós. Casa casa e bucho bucho, pão pão e queijo queijo, faz mais o teu género de que se danem as metáforas, mas a mim colhe. Coma o bucho e arquitecte a melhor casa para a Luzia que for capaz, é a linha do teu pensamento intelectual. Veio o tema das quantidades, em que tu estarias como peixe na água, entrando por áreas e volumes, entidades abstractas, que sei lá eu quanto mede a superfície da minha pele ou o volume do meu corpo, como poderei identificar a área ou o volume para um quarto na Ericeira? De cada vez que sinto haver linhas de comunicação verifico, alternadamente, que a imaginação de um resvala no éter e a do outro fica presa ao chão. Como será possível a comunicação?

Quantidades são quantidades; quanto mede, quanto custa, quanto vai valer a casa como mercadoria em que se tornar quando estiver pronta? Necessito de ti para me ajudar a entender esta linguagem dos números, para me enquadrar nestas coisas sem me dispersar, pois o meu mundo é o das qualidades, entidades cuja grandeza não se pode exprimir em números, ou seja, que não tem correspondência numérica (ao contrário de comprimento, temperatura, etc.). Prefiro o pensamento poético, serei capaz de medir, ou tão só imaginar, a altura do silêncio das pedras?

A tua mentalidade funcionalista e quadrada, pouco sensível a nuances e arreigado que estás a uma linguagem binária do tipo acende/apaga sem cambiantes, não seria capaz de entrar numa aventura destas de trabalhar com um arquitecto mas já não digo nada, pois a revelação das pessoas é sempre um deslumbramento (o deslumbramento de um novo dia é coisa que não se pode cortar à faca, como diz o já citado poeta do silêncio). Tenho feito esforço para entender o fazedor de casas e o meu problema consiste em sentir que, nas coisas que verdadeiramente importam (que por vezes estão escondidas dentro de outras coisas), estou diante de um muro

(cujo silêncio não terá altura), mas que bloqueia o meu entendimento e a comunicação do utilizador (eu, projectada no futuro) com o fazedor (o arquitecto).

Voltamos a ver-nos nas férias do Natal e peço-te, caso chegues primeiro a casa dos avós, que não ataques o alguidar dos paios para podermos fazer o ritual juntos.

E-mail de 25 de Janeiro

Visita ao terreno num dia glorioso
de Inverno com Sol

Querido primo Marco,

Lá fomos então todos visitar o terreno que eu conheço como a palma das mãos e que foi um deslumbramento inesperado. Vi coisas que nunca tinha visto (olhava mas não via), fosse o minúsculo enfiamento visual que faz “cantar” o convento de Mafra, situado do lado Nascente quando batido pelo Sol, ou o modo aberto e plural de “ver” e apreciar sofisticadamente a relação com o mar e o infinito a Poente.

Estará o arquitecto treinado para olhar e “ver” as coisas e o entorno de modo mais sofisticado do que todos nós? Então muito teríamos a ganhar se tal “dom” estivesse aberto ao serviço de todos e não só da torre fechada aos eleitos da arquitectura.

Um problema do projecto será o de conseguir implantar a casa naquele lugar sem retirar protagonismo ao alto da vela e aos moinhos de vento. Terá que criar um modo de ocupação que transmita o sentido de que a casa sempre existiu naquele sítio ermo e alto, antecedendo até a vela e os moinhos, pela perfeição do diálogo com todos os componentes fortes daquela paisagem: o morro, a vela e os moinhos.

Trouxe um novelo de corda e começou a desfiliá-lo sobre a terra enquanto falava connosco, fazendo uma espécie de teia onde a casa seria urdida a subir e a descer para as várias plataformas do terreno e a definir uma primeira estrutura primária de distribuição e de relacionamento entre os diferentes espaços da casa. Depois conjugou toda esta informação empírica (lógico/visceral) com as contingências do local, em matéria de acessos, constituição do solo pejado de fragas corroídas pelo ar marítimo, regime de ventos, solarização dos espaços e deu para entender que haveria muito que puxar pela cabeça, muito esquiço e muito desenho esquemático de organização da casa que teria como destino o cesto

dos papéis, até conseguir chegar a uma solução negociada entre pesos e medidas de várias variáveis. Para grande espanto meu, o estilo de construção da casa na fabricação da sua imagem nunca foi tema ouvido nem achado nesta abordagem que tem sido feita, como se fosse qualquer coisa ou que está fora das preocupações ou foi assumido à partida que o arquitecto fará uma casa ao mesmo modo, plural e sem estilo pré-definido, como fez as que antecederam este projecto e que os meus pais tanto apreciam.

Depois da ida ao terreno parecia que tudo melhorava em termos de comunicação entre nós mas foi Sol de pouca dura. Entrando pelo desenho das coisas, de novo tudo se complica, tanto mais que há coisas que antecedem o desenho das coisas e a explicação do arquitecto à minha mãe de que o desenho é uma espécie de pauta (como a de música) na qual, pela aposição de códigos de representação, se pode ler o espaço e a forma, ao modo como se lê a escrita musical, escapa ao meu entendimento. Não consigo deixar de ver o desenho como um objecto restrito à sua própria dimensão e não a tal pauta que representa a musicalidade do espaço, por simetria à espacialidade da música. Olho com gosto para uma planta, um corte, um alçado ou uma perspectiva mas não vejo aquilo como a mediação para o edificado que o código representa. Todos temos limitações e as minhas são estas. Dirás que isto é uma forma de iliteracia. Terei, em relação ao espaço, os olhos desafinados? Seja, mas que posso fazer? Há pessoas que não têm ouvido para a música.

E-mail de 18 de Fevereiro

Poderá inscrever-se a casa ideal nos nossos sonhos?

Querido primo Marco,

Do meu analfabetismo para a escrita desenhada derivámos para o sonho, para eu falar da casa dos sonhos. Sonho mais com gente do que com coisas e não sei construir o futuro a partir do sonho. Quais casas? As da “Hola” com marquesas e toureiros? As das revistas dos arquitectos? Sonhará um arquitecto com casas? Poderá imaginar o que está a projectar (em sentido literal), mas essa capacidade de fabricar imagens ocorre na vigília do sono e não no sonho. Os sonhos têm fundo ambiente do tipo “blue screen” onde a cena encaixa. Andamos, corremos, voamos, ou estamos encurralados no cenário com a sensação

de voar, ficar livre ou preso.

Um dia sonhei que passava voando por baixo do arco da Rua Augusta e sem que ninguém estranhasse. Poderá este sonho levar-me a formular um pedido de que se transmita um sentido de voar ao passar por baixo de um portal da casa? Os sonhos projectam ansiedades, medos, desejos, mas deles é ausente o humor e não entendo que algo de humano se fundamente e estruture, de modo consciente, no inconsciente do sonho, de onde o humor está ausente. Apoiamo-nos no humor para chegar ao Amor (diz um escritor argentino) e Le Corbusier dizia não ser a arquitectura uma “mise en scène” mas um acto de amor. Se a casa que desejamos estivesse inscrita nos nossos sonhos, seria uma grande seca e sem graça alguma. Será a casa dos sonhos um lugar onde domina a sensação de voar (e daí a preferência por casas altas com vistas largas), onde se anda livremente como num sistema de vasos comunicantes (daí o sentido de transparência onde tudo está relacionado), ou onde nos sentimos encurralados, seja em espaços de transição ou de passagem que nos fixam e impedem de progredir, ou em espaços do tipo “gruta” (daí o sentido de toca ou ninho onde exprimimos a nossa intimidade)? Duvido que pelo caminho dos sonhos se consiga chegar a algum resultado, pelo lado do real.

Saltámos dos sonhos para uma espécie de realidade modelada em caixas, do tipo do caixote do sabão azul da mercearia do Sr. Isaías, de que fazias carrinhos com rolamentos e descíamos a rua dos avós a toda a velocidade. Parecem caixotes mas são “maquetas” que me fazem lembrar os carros de sabão. Serei troglodita visual? Depois vieram perspectivas, do tipo daquelas feitas pelo avô a lápis de cor, mais as imagens 3D a cores e um filme que permite andar na casa por dentro e por fora, passeando através dos olhos de uma câmara de filmar, mas tudo tão irreal, tão visual puro, tão desprovido de tacto e cheiro que não dá para apreciar. Consiste tudo isto numa espécie de encantamento tecnológico que retira todo o mistério ao acto de erigir, compactando o intervalo entre imaginar e construir a casa que desejamos e, o intervalo entre o desejo e o real, que queremos e devemos saborear devagar.

E-mail de 27 de Fevereiro

Epílogo disruptivo, com faísca e tudo a toda a volta

Querido primo Marco,

Pedi aos meus pais que dispensassem o meu en-

volvimento no projecto, invocando a desculpa da necessidade de dedicação ao estudo, o que eles aceitaram mas, na verdade, não passa de um acto de cobardia da minha parte. Mais um, dirás. Seja cobardia, ou iliteracia visual fruto da incapacidade em trabalhar com instrumentos de comunicação que não são “a coisa” mas “uma parte do carácter da coisa”, tão só uma imagem, um “media”, do desenho ao modelo, do escrito poético sobre o espaço, ao filme a cores. A pintura que representa uma maçã não é uma maçã.

Desenhos e diagramas, textos seminiais, modelos à escala, imagens ou filme virtual 3D, tudo modos visuais ou literários de descrever o espaço e a forma, contigo mais próximo dos primeiros e eu dos segundos. Reconheço ao teu mundo um carácter mais apropriado quando se trata de grandezas quantificáveis, mas acredito que o meu é mais forte e adequado quando lidamos com qualidades, grandezas que não têm expressão numérica. Sendo a arquitectura um fenómeno ligado às emoções, esperamos do arquitecto aquele golpe de magia, qual salto trapézio voador, que faz das grandezas e suas relações (proporções) um todo que supera e é mais do que as partes, na sua unidade, na sua expressão e na sua leitura por quem olha e vê.

Não se trata de cobardia mas da constatação de que a comunicação é difícil, se não mesmo até impossível e que nos devemos limitar a pedir ao arquitecto que nos oiça, entenda as nossas grandezas e as nossas limitações e depois arquitecte o espaço em toda a liberdade, sem ter que nos agradar em cada fascículo da composição, pois a nós só nos vai interessar o todo e o seu equilíbrio próprio e não a parte. Isto não é cobardia mas, pelo contrário, um acto de lucidez e de coragem.

Questiono-me sobre até que ponto deve funcionar o compromisso do cliente com o projecto? Não será apenas e tão só o de que “tenho X€ para gastar” e sei do que necessito funcionalmente? Tudo o resto é com o arquitecto e não se procure mais consenso ou quaisquer modos de “democraticamente” atingir os fins pretendidos, que o sistema não vai funcionar.

Às urtigas a treta da participação do cliente no âmagos do acto de projectar uma casa. A importância da sua presença reside no facto do arquitecto não estar a projectar para um cliente genérico, que não tem pontes de comunicação com o arquitecto, mas o cliente real, de carne e osso, que lhe pode transmitir os seus anseios, aspirações, desejos e modos de viver na coisa (na casa) projectada.

Assim, cada lado da história, a família e o arquitecto, terão que assumir as suas responsabilidades.

A família definindo um programa com volu-

me de construção compatível com as suas necessidades e os seus recursos (culturais, financeiros, sociais e outros).

O arquitecto provando, em toda a liberdade, que está apto a dar o salto no trapézio voador e fazer daquela casa um lugar mágico onde se “vive” bem, com satisfação, com prazer e orgulho em repartir com o outro, na sociabilização do “entorno” da família, aberta à cidade e ao mundo e de que a casa de cada um é um instrumento.

Vale?

Fernando Bagulho
Outubro de 2015